

EMPREENDEDORISMO E CRIATIVIDADE: contribuindo para o perfil dos egressos das engenharias na área agrícola

VITORIA AUGUSTA BRAGA DE SOUZA¹

Universidade Federal de Santa Catarina

vitbraga@hotmail.com

INARA ANTUNES VIEIRA WILLERDING²

Universidade Federal de Santa Catarina

Inara.antunes@gmail.com

ÉDIS MAFRA LAPOLLI³

Universidade Federal de Santa Catarina

edismafra@gmail.com

Resumo

As mudanças ocorridas no mercado provocaram uma nova visão de competição, com variáveis que os cursos de engenharia da área agrícola, ainda não estavam preparados para enfrentar, com a exigência de um profissional com perfil empreendedor, que perceba os desafios e seja capaz de respostas eficientes e rápidas, bem como ter iniciativa e conhecimento para empreender em seu próprio negócio. É nesse contexto que se insere a presente pesquisa, a qual aborda a relevância do perfil empreendedor como fator determinante da ruptura do paradigma do empregado e do empregador. A pesquisa tem como objetivo identificar e analisar as disciplinas das grades curriculares dos cursos de engenharia da área agrícola, referenciadas como as melhores do Brasil. Pelos resultados obtidos pode-se concluir em linhas gerais que são em poucas as instituições de ensino que disponibilizam disciplinas obrigatórias e/ou eletivas que contemplem esses conteúdos, primordial para a atual realidade do mercado profissional.

Palavras Chaves: perfil empreendedor e criativo, formação acadêmica, engenharias agrícolas.

Abstract

The changes in the market led to a new vision of competition, with variables that engineering courses in the agricultural area, were not yet prepared to meet with the requirement of a professional with an entrepreneurial profile, which realizes the challenges and capable of

¹ Doutoranda em Engenharia e Gestão do Conhecimento – PPG-DEGC/UFSC.

² Doutoranda em Engenharia e Gestão do Conhecimento – PPG-DEGC/UFSC.

³ Doutora em Engenharia de Produção – PG-PPGEP/UFSC

efficient answers and fast, as well as initiative and knowledge to undertake in their own business. It is in this context that this research, which addresses the importance of entrepreneurial factor as break the paradigm of the employee and the employer. The research aims to identify and analyze the disciplines of curriculum of engineering courses in the agricultural area, referred to as the best in Brazil. From the results obtained it can be concluded that in general are few educational institutions that provide compulsory and / or elective courses that address these contents, paramount to the current reality of the professional market.

Keywords: entrepreneurial and creative, academic, agricultural engineering.

1 Introdução

A globalização e o acesso as tecnologias de informação e comunicação criaram uma nova ordem econômica-social que resultou em um consumidor mais exigente em termos de qualidade de produtos e serviços, bem como produtores mais conscientes da necessidade de ser competitivo trabalhando de forma sustentável. Com essas mudanças vieram às exigências de uma nova forma de administrar as organizações, as propriedades rurais e de se relacionar com o produtor. Os cursos de engenharia da área agrícola, que durante anos trabalharam com uma visão de formar profissionais a fim de ocupar os postos de trabalho em empresas públicas e privadas não atendem mais a exigência do mercado. Hoje, o momento exige um profissional generalista, polivalente, que saiba trabalhar em equipe, que perceba os desafios e seja capaz de responder satisfatoriamente aos anseios do produtor, das organizações em geral de forma eficiente e rápida, empreendendo novas oportunidades, bem como tendo iniciativa e conhecimento para empreender em seu próprio negócio. Porém, para que isso aconteça, é necessário que esse profissional desenvolva um perfil empreendedor e criativo a fim de atuar como o novo profissional que o setor de agronegócio requer

2 Referencial Teórico

O empreendedorismo vem sendo discutido e desenvolvido de várias formas. Para Dornelas (2008, p. 22) refere-se ao “o envolvimento de pessoas e processos que, em conjunto, levam à transformação de ideias em oportunidades.”

Willerding (2011) corrobora afirmando que com os progressos tecnológicos e a abertura do mercado econômico e social, de forma globalizada, as organizações sentiram a necessidade de ir além do que até o momento estavam vivenciando (atividades burocráticas e organizacionais), com fatores proeminentes à organização como: criatividade, inovação, conhecimentos, isto é, novos elementos que compõem a competitividade.

Empreendedorismo é o processo de criar algo novo com valor dedicando o tempo e o esforço necessários, assumindo os riscos financeiros, psíquicos e sociais

correspondentes e recebendo as consequentes recompensas da satisfação e independência econômica e pessoal. (HISRISH; PETERS, 2004, p.29).

Para os autores Fialho et al. (2007), Feuerschutte e Alperstedt (2008) empreender é gerar mudanças através da inovação por meio de ações individuais ou coletivas, nos diferentes ambientes e situações organizacionais, que causem ou aproveitem oportunidades, instituindo valor tanto para si como para a sociedade.

Acúrcio (2005, p. 31) considera o “empreendedorismo é uma forma de ser. Empreendedor é aquele indivíduo capaz de sonhar e transformar seu sonho em realidade, bem como gerar e distribuir riquezas.”

O empreendedorismo é um processo dinâmico e singular, que versa em reconhecer e aproveitar oportunidades, gerar ideias e consolidá-las, ressaltando que não finaliza com a efetivação de um projeto, pois cada vez que um projeto termina, inicia-se um novo, sempre na tentativa de gerar novos produtos ou serviços, aproveitando assim, novas oportunidades e gerar mais valor para o indivíduo e para organização (RIBEIRO, 2009).

O empreendedorismo pode ser considerado como o despertar do indivíduo para o aproveitamento integral de suas potencialidades racionais e intuitivas. É a busca do autoconhecimento em processo de aprendizado permanente, em atitude de abertura para novas experiências e novos paradigmas. Portanto, é uma questão de liberdade individual, qualquer pessoa pode ativar a motivação para empreender (COSTA; CERICATO; MELO, 2007).

Os pesquisadores Bueno e Lapolli (2001) ressaltam cinco sinais distintivos do empreendedor: velocidade, polivalência, visão, capacidade de realização e capacidade de relacionamento, os quais podem se atrelar e são indissociáveis. É importante abordar que é possível encontrar apenas alguns desses cinco sinais, o que não descaracteriza o empreendedor.

O sinal referente a velocidade, faz referência a ter raciocínio rápido em relação a ações e/ou decisões que precisam ser tomadas, especialmente em situações contingenciais. A polivalência está relacionada à flexibilidade de ideias e ações em relação ao ambiente externo em que está inserido, podendo desempenhar várias atividades ao mesmo tempo. A visão faz referência à capacidade de idealização de todo o processo a ser desenvolvido até a efetivação do projeto. A capacidade de realização refere-se a persistência em encontrar maneiras eficientes e eficazes, por meio de conhecimentos e análises, de colocar em prática as tarefas, indo além dos limites. Com relação ao sinal de capacidade de relacionamento, os autores consideram ao fato de entender de pessoas, ter habilidades para trabalhar em equipe, reunindo forças por meio da troca de conhecimentos, fortalecendo-se como líder através da capacidade de persuasão.

Frente a abordagem apresentada, ressalta-se que independentemente do enfoque adotado pelos pesquisadores, o empreendedorismo tem despertado cada vez mais a atenção da comunidade acadêmica de forma crescente, pois tentam explicá-lo. Uma das razões pode-se dizer que é o fato de que os empreendedores, mesmo quando não tenham habilidades técnicas e gerenciais, fazem a conexão entre o desenvolvimento de inovações e o crescimento econômico. E é exatamente essa conexão entre habilidade/capacidade empreendedora e desenvolvimento econômico/social, é que desperta cada vez mais a atenção para estudos do empreendedorismo conectado ao estudo da formação empreendedora.

2.1 Formação empreendedora

A educação tradicional tem seu foco para a formação de empregados, o que remete os egressos das universidades e faculdades, após seu término à procura por empregos em cargos gerenciais ou intermediários em organizações já solidificadas, situação exprime uma desatenção para o aprendizado voltado para o grande desafio que é a capacidade de inovar e de se adequar às tendências e oportunidades mundiais de mercado.

[...] cada vez mais, acredita-se que o processo empreendedor pode ser ensinado e entendido por qualquer pessoa e que o sucesso é decorrente de uma gama de fatores internos e externos ao negócio, do perfil do empreendedor e de como ele administra as adversidades que encontra no dia-a-dia. (DORNELAS, 2001, p.38)

David et al. (2001) aborda que para que se amplie de forma assertiva a cultura empreendedora, se faz necessário a formação egressos autônomos, criativos, líderes e com visão abrangente, que possuam um perfil empreendedor. Os pesquisadores ressaltam que também se faz necessário programas de ensino que operem no desenvolvimento inter e intrapessoal.

Para Ferreira, Ramos e Gimenez (2006), as Instituto de Ensino Superior (IES) têm exibido um grande interesse no ensino de empreendedorismo por averiguar que esse tipo de educação contribui para a capacitação de alunos em relação a enfrentar as demandas atuais do mercado de trabalho. Os autores citam:

[...] entende-se educação para o empreendedorismo como um processo de transmissão/aquisição do conhecimento sobre o ambiente e sobre o próprio indivíduo. Este tipo de educação visa contribuir para o desencadeamento de habilidades, atitudes e comportamentos para a prospecção e exploração de oportunidades para transformação do meio em que vive pelo desenvolvimento econômico, social e cultural. (FERREIRA; RAMOS; GIMENEZ, 2006, p. 7).

Dornelas (2008) afirma que uma das opções encontradas no sistema educacional para a formação de empreendedores é a oferta de cursos e matérias de Empreendedorismo, principalmente para os jovens profissionais. Fillion (1991b) afirma que uma educação empreendedora possui elementos essenciais como: o desenvolvimento da imaginação e da criatividade, a habilidade de canalizar energia para os objetivos que o empreendedor quer atingir, em que favorece uma visão generalista, ampliando as oportunidades de mercado e suas exigências.

Neste sentido, Fillion (1991) faz três reflexões sobre a relação educador/educando. A primeira refere-se ao educador, que deverá adquirir a lógica do empreendedor e isso se faz pelo contato direto com os empreendedores, pelo estudo de empreendimentos, pela leitura de testemunhos e de vidas de empreendedores. A segunda aborda a relação educador/educando, explanando que recai mais sobre a maneira de ensinar do que sobre o assunto ensinado. Desenvolver os empreendedores é, primeiro, trabalhar sobre atitudes, podendo dizer então, que o modelo de educação tradicional é inadequado para formar empreendedores porque condiciona à passividade. E por fim, a terceira reflexão diz respeito a necessidade de formar os empreendedores, pessoas autônomas e criativas. Devemos formar a futura mão de obra para tornar-se mais inovadora, tendo como resultado, indivíduos e organizações com melhor desempenho.

Gibb (1995) e Caramés (1995) apresentam em seus trabalhos uma comparação entre abordagens de ensino convencional e empreendedora, o que pode ser visualizado no Quadro 1.

Quadro 1 – Educação Convencional x Educação Empreendedora

CONVENCIONAL	EMPREENDEDOR
Ênfase no conteúdo que é visto como meta	Ênfase no processo; Aprender a aprender
Conduzido e denominado pelo instrutor O instrutor repassa o conhecimento	Propriedade do aprendizado pelo participante O instrutor como facilitador e educando Participantes geram conhecimento
Currículo e sessões fortemente programadas	Sessões flexíveis e voltadas para as necessidades
Objetivos de ensino impostos	Objetivos de ensino negociados
Prioridade para desempenho	Prioridade para a autoimagem geradora de desempenho
Desenvolvimento de conjecturas e do pensamento divergente	Conjecturas e pensamento divergentes vistos como parte do processo criativo
Ênfase no pensamento analítico e linear. Parte esquerda do cérebro.	Envolvimento de todo o cérebro. Aumento da racionalidade do cérebro esquerdo através de estratégias holísticas, não lineares intuitivas. Ênfase na confluência e fusão dos dois processos

Fonte: Gibb (1995).

A formação do empreendedor visa, entre outras coisas, modificar as atitudes e o perfil dos indivíduos, estimulando-os, fomentando-os para que se desenvolvam ou amplifiquem suas características empreendedoras, tornando-os mais capazes de empreender, pois todos possuem pelo menos uma capacidade empreendedora (LIMA, 2001).

2.2 Criatividade

Ostrower afirma que “criar é, basicamente, formar. É poder dar forma a algo novo.” A criatividade para os pesquisadores Pope (2005), Fialho et al. (2006), Terra (2009) é a capacidade de produzir, de fazer ou tornar algo em uma coisa nova e adequada, permitindo aprender por meio de erro e acerto, possibilitando a identificação das necessidades dos clientes e as novas oportunidades de mercado, sendo necessário influenciar os processos produtivos intangíveis, ou seja, as pessoas para o processo de criação levando em conta fatores externos do presente, do passado e do futuro.

Alencar (1996, p. 15) afirma que a criatividade é como “o processo que resulta na emergência de um novo produto (bem ou serviço), aceito como útil satisfatório e/ou de valor por um número significativo de pessoas em algum ponto.” Gardner (1988) considera que a criatividade também pode ser vista como um processo de criação individual ou coletivo de novas ideias, e que utilizam habilidades específicas para sua aplicação, dentro de um determinado ambiente relacional.

De Masi (2000, p. 288) afirma que a criatividade consiste "em um processo mental e prático, ainda bastante misterioso, graças ao qual uma só pessoa ou um grupo, depois de ter pensado algumas ideias novas e fantasiosas, conseguem também realizá-las concretamente."

Ulbricht e Vanzin (2010) afirmam que a inovação só acontece a partir da criatividade. Consideram que é a passagem da criação à racionalidade, ou seja, é da convergência

equilibrada da atividade do hemisfério direito do cérebro com o esquerdo, onde ocorre a inovação.

É importante abordar que tanto a criatividade, como a inovação, sem ações empreendedoras, será somente uma simples “ideia”, sem vantagens lucrativas, e inovar é desenvolver a criatividade tendo em vista sua utilidade diante disso, pode-se concluir que só há inovação, quando a nova ideia é avaliada e colocada em prática.

2.2.1 A criatividade na formação acadêmica

Alencar (1995) e Cerna (1999) ressaltam que o potencial criativo é algo que todos os indivíduos possuem em diferentes medidas, sendo que podem ser desenvolvido e aprimorado. O indivíduo deve contar com as condições favoráveis e os mecanismos adequados para o desenvolvimento o seu potencial criativo.

Segundo Silva Filho (2005) afirma que problemas reais da vida exigem soluções criativas, e é preciso estimular os indivíduos a desenvolverem a criatividade. O autor ainda pondera que "isto deveria constar nas premissas da formação dos estudantes" e que "as pessoas em seu cotidiano necessitam lidar com situações para as quais nada aprenderam na escola."

A ênfase numa formação generalista e a ampliação das possibilidades de experiência prática durante o curso superior são avaliadas como alternativas para atender a exigência de um perfil multiprofissional e proporcionar a maturidade pessoal e a identidade profissional necessárias para agir em situação de imprevisibilidade, realidade a que estão sujeitas as organizações atuais. (GONDIM, 2002, p. 300).

Souza e Lapolli (2010) afirmam que o espírito empreendedor está presente no ser humano, bem como o poder criativo, e podem ser estimulado ou bloqueado pelas variáveis internas e externas dentre elas educação formal e informal.

Diante do exposto, pode-se afirmar que a criatividade é a ferramenta importante no mundo atual, pois por meio dela, encontram-se maneiras de fazer mais com menos, de reduzir custos, de simplificar processos e sistemas, de aumentar lucratividade, de encontrar novos nichos de mercado, de diferenciar o currículo, pois cada indivíduo possui seu potencial criativo, podem nascer ou aperfeiçoar a criatividade.

2.3 A formação acadêmica das engenharias agrárias

Atualmente, o homem vivencia a nova Revolução, denominada “Era do Conhecimento”, e As mudanças no cenário econômico mundial a partir de 1980 modificaram a realidade do mercado de trabalho, devido ao enxugamento das estruturas empresariais, que posteriormente contribuíram para a redução de postos de trabalho. Apesar de tais transformações, a cultura brasileira mantém a premissa de que um bom emprego deve ser a meta para alcançar a realização pessoal e profissional e financeira.

Leite (2002, p. 343) corrobora que “para ensinar aos estudantes a tornarem-se empreendedores, devemos focalizá-los nas oportunidades. Porém isto implica em mudar os hábitos de pensar e raciocinar de várias gerações”.

A educação profissional compartilha dessa cultura e dessa visão de realização, ignorando as exigências de um novo profissional. A extensão rural é atingida pelo hiato entre o egresso e o profissional desejado pelo mercado.

Os profissionais da extensão rural são oriundos dos cursos de Ciências Agrárias, sendo eles: Agronomia, Medicina Veterinária, Zootecnia e Engenharia Agrícola e Engenharia Florestal. Para conhecer o perfil do egresso realizou-se um estudo das grades curriculares dos cursos considerados os melhores do Brasil, segundo o Guia do Estudante 2012, que se baseiam nos conceitos do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade) e dos cursos oferecidos dos estados da Região Sul onde a pesquisa foi realizada,

2.3.1 Formação acadêmica: Agronomia

O curso de Agronomia tem como finalidade formar um profissional que tenha

o perfil [...] eclético, com base em formação científica e técnica sólida, capaz de atender às múltiplas e diversas demandas da sociedade brasileira, provenientes de indivíduos, grupos sociais, comunidade, atividade agropecuária. Na outra linha e em face das características do desenvolvimento da atividade agrícola no Brasil, crescentemente inter-relacionada com as atividades industrial, de processamento e comercial, e com mercado de trabalho complexo, ao Curso de Agronomia cabe preocupar-se em que o Engenheiro Agrônomo apresente certa *especialização* em sua formação (UNESP, 2010).

2.3.2 Formação acadêmica: Engenharia Agrícola

O curso de Engenharia Agrícola é ministrado em cinco anos e pretende formar um profissional com as seguintes habilidades:

O Engenheiro Agrícola é o profissional melhor qualificado para levar ao campo soluções inovadoras e eficazes. Melhora a produção, não descuidando do desenvolvimento sustentável da agropecuária e solucionando problemas tecnológicos do processo produtivo, através de conhecimentos básicos das engenharias, desde o preparo do solo, passando por criação de máquinas até a comercialização do produto, capacitando o profissional a adaptar-se de modo flexível, crítico e criativo às novas situações (ENGENHARIA AGRÍCOLA, 2010).

2.3.3 Formação acadêmica: Engenharia Florestal

O curso de Engenharia Florestal é ministrado em cinco anos e pretende formar um profissional com as seguintes habilidades:

O curso busca formar um profissional generalista, tecnicamente competente, crítico, criativo e humanizado, que encontre sempre uma resposta em consonância com sua responsabilidade diante do mundo, com adequada base científica para utilizar recursos da engenharia na solução de problemas florestais, em reflorestamentos e florestas nativas, de forma sustentável, com visão principal em gestão, planejamento e ordenamento de recursos florestais. (ENGENHARIA FLORESTAL, 2012).

3 procedimentos metodológicos

Nesta seção apresenta-se os parâmetros metodológicos que norteiam o perfil e o desenvolvimento da pesquisa. No que se refere à construção desta, em relação a sua abordagem, ela é classificada como quali-quantitativa, pois transforma dados qualitativos em elementos quantificáveis.

Quanto aos fins se classifica como exploratória e descritiva. A pesquisa exploratória segundo Malhotra (2006) aborda um problema ou uma situação para fornecer critérios e compreensão, podendo ser utilizada para diferentes finalidades, como formular um problema, desenvolver hipóteses, estabelecer prioridades para futuras pesquisas. Com relação à pesquisa ser de caráter descritivo, Vergara (2005, p. 47), considera que “a pesquisa descritiva expõe características de determinada população ou de determinado fenômeno. Pode também estabelecer correlações entre variáveis e definir sua natureza.”

E por fim, em relação aos meios este estudo envolve uma pesquisa documental e bibliográfica. Documental por ter em sua pesquisa “informação coletada de forma oral, escrita ou visualizada, compreendendo também as técnicas e os métodos que facilitam a sua busca e a sua identificação.” (FACHIN, 2006, p. 146). Bibliográfica, por “obter informações sobre situação atual do tema ou o problema pesquisado; conhecer publicações existentes sobre o tema e os aspectos que já foram abordados; e verificar as opiniões similares e diferentes a respeito do tema ou de aspectos relacionados ao problema da pesquisa”. (SILVA; MENEZES, 2000, p. 3).

A coleta de dados deu-se por meio de um levantamento bibliográfico e documental, tendo como objetivo identificar e analisar as disciplinas das grades curriculares dos cursos de engenharia da área agrícola. Para tal elaborou-se uma pesquisa de caráter teórico com base na análise dos currículos dos cursos de graduação em: Engenharia Agrícola, Engenharia Florestal e Engenharia Agrônômica (Agronomia) nos Estados da Região Sul e das faculdades referenciadas como as melhores do Brasil pelo guia do estudante de 2012, que se baseia nos conceitos do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade).

A amostra do presente estudo se deu no curso de Agronomia, em que foram pesquisadas 11 instituições consideradas as melhores do Brasil e mais 17 na região Sul; para o curso de Engenharia Agrícola foram pesquisadas as 8 consideradas as melhores do Brasil e mais 5 na Região Sul, e por fim, o curso de Engenharia Florestal sendo pesquisadas 6 instituições consideradas as melhores do Brasil e mais 10 da Região Sul.

4 Apresentação e análise dos dados da pesquisa

Neste capítulo são apresentadas as análises e resultados da pesquisa com a compilação das grades curriculares de fora a agrupar as disciplinas por área de enfoque.

4.1 Formação acadêmica: Agronomia

As universidades pesquisadas segundo o Guia do Estudante foram: Universidade Estadual de São Paulo (UNESP) – *campus* Botucatu; Universidade Federal de Viçosa/MG (UFV); Universidade Federal de Santa Maria/RS (UFSM); Universidade Federal Rio Grande do Sul (UFRGS); Universidade de São Paulo (USP) – *campus* Piracicaba; Universidade de Brasília (UNB); Universidade Federal de Goiás (UFG); Universidade Federal de Lavras/MG (UFLA); Universidade Estadual de Maringá/PR (UEM); Universidade Federal de Ponta Grossa/PR (UFPG); Universidade Estadual de São Paulo (UNESP) – *campus* Jaboticabal. Para tal, as grades curriculares foram compiladas e estão descritas no Quadro 1.

Quadro 1 – Análise curricular do curso de Agronomia – Brasil

AGRONOMIA																							
As melhores do país																							
UNIVERSIDADES	UNESP Botucatu	UFV	UFSM	UFRGS	USP Piracicaba	UNB	UFG	UFLA	UEM	UFPG	UNESP Jaboticabal												
INÍCIO DO CURSO	1976	1961	1961	1901	1934	1966	1963	1961	1977	1983	1976												
GRADE ATUAL	2011	2009	2009	2009	2009	2010	2009	2009	2006	2007	2011												
DISCIPLINAS																							
		%		%		%		%		%		%		%		%		%		%			
OBRIGATÓRIA	CÁLCULO	5	6,3	2	4,3	6	8	2	3,1	5	8,1	1	1,9	6	9,2	4	6,897	4	6,3	3	5,5	4	5,6
	GESTÃO	4	5,0	2	4,3	3	4	3	4,6	5	8,1	2	3,8	4	6,2	6	10,34	4	6,3	2	3,6	1	1,4
	EXTENSÃO	1	1,3	1	2,2	1	1,3	0	0	1	1,6	2	3,8	0	0	1	1,724	1	1,6	0	0	1	1,4
	TÉCNICA	70	87,5	41	89,1	65	86,67	60	92,31	51	82,26	47	90,38	55	84,6	46	79,31	54	85,71	50	90,91	65	91,5
	EMPREEND.	0	0,0	0	0,0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1,724	0	0	0	0	0	0,0
TOTAL	80	100	46	100	75	100	65	100	62	100	52	100	65	100	58	100	63	100	55	100	71	100,0	
OPTATIVA	CÁLCULO	0	0	1	0,7	0	0	0	0	0	0	4	2,9	4	5,6	2	1,4	0	0	0	0	0	0
	GESTÃO	3	15,79	15	10,7	2	11,11	0	0	37	24,34	11	7,9	9	12,5	22	15,49	3	4,3	0	0	2	11,1
	LÍNGUAS	0	0	1	0,7	1	5,6	0	0	0	0	4	2,9	3	4,2	4	2,8	0	0	0	0	1	5,6
	TÉCNICA	16	84,21	123	87,9	14	77,78	36	100	115	75,66	120	86,33	56	77,8	112	78,87	66	94,29	20	100	15	83,3
	EMPREEND.	0	0	0	0,0	1	5,556	0	0	0	0	0	0	0	0,0	2	1,408	1	1,429	0	0	0	0
	TOTAL	19	100	140	100	18	100	36	100	152	100	139	100	72	100	142	100	70	100	20	100	18	100

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Em relação às universidades pesquisadas nos três estados da Região Sul foram selecionadas no Estado do Paraná: Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UFTPR); Universidade Federal do Paraná (UFPR); Universidade Estadual de Londrina (UEL); Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) e Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC/PR).

No Estado do Rio Grande do Sul, foram as seguintes: Universidade da Região da Campanha (URCAMP); Universidade Luterana do Brasil (ULBRA); Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ); Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUD); Universidade Federal de Pelotas (UFPEL); Universidade da Região da Campanha (URCAMP); Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) e Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS).

Em Santa Catarina, as universidades selecionadas são: Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL); Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Universidade Estadual de Londrina (UEL); Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) e Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC).

As grades curriculares universidades pesquisadas nos três estados da Região Sul foram das compiladas e estão descritas no Quadro 2.

Quadro 2 – Análise curricular do curso de Agronomia – Região Sul

		REGIÃO SUL																													
		PARANÁ					RIO GRANDE DO SUL					SANTA CATARINA																			
UNIVERSIDADES		UFPR	UFPR	UEL	UNIOESTE	PUC	URCAMP	ULBRA	UMICRUZ	UNIJUI	UFPEL	URI	PUC	UNISUL	UFSC	UDESC															
INÍCIO DO CURSO (ANO)		1992	1918	1981	1995	2007	1976	2008	1989	1991	1883	1994	1981	2006	1975	1980															
GRADE CURRICULAR (ANO)		2009	2010	2007	2000	2007	2010	2011	2012	2008	2001	2009	2010	2006	2010	2009															
DISCIPLINAS																															
OBRIGATORIA		%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%															
	CÁLCULO	3	4,5	5	8,1	3	4,8	4	10,0	6	7,1	3	8,8	3	6,4	5	6,8	5	7,1	2	4,4	5	8,3	3	4,3	3	5,3	3	5,5	5	7,9
	GESTÃO	7	10,4	6	9,7	4	6,5	5	12,5	4	4,8	4	11,8	4	8,5	5	6,8	4	5,7	5	11,1	5	8,3	5	7,2	6	10,5	5	9,1	6	9,5
	EXTENSÃO	1	1,5	2	3,2	1	1,6	1	2,5	2	2,4	0	0,0	0	0,0	1	1,4	1	1,4	1	2,2	1	1,7	1	1,4	1	1,8	2	3,6	51	81,0
	TÉCNICA	56	83,6	49	79,0	54	87,1	30	75,0	72	85,7	27	79,4	40	85,1	63	85,1	60	85,7	37	82,2	49	81,7	60	87,0	47	82,5	45	81,8	1	1,6
	EMPREEND.	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
TOTAL	67	100,0	62	100,0	62	100,0	40	100,0	84	100,0	34	100,0	47	100,0	74	100,0	70	100,0	45	100,0	60	100,0	69	100,0	57	100,0	55	100,0	63	100,0	
OPTATIVA	CÁLCULO	1	2,2	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	1,4
	GESTÃO	3	6,5	3	9,1	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	33,3	0	0,0	3	14,3	0	0,0	3	18,8	0	0,0	0	0,0	4	7,7	2	2,9
	LÍNGUAS	2	4,3	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	33,3	2	20,0	1	4,8	0	0,0	1	6,3	0	0,0	0	0,0	1	1,9	4	5,8
	TÉCNICA	39	84,8	30	90,9	0	0,0	7	100,0	0	0,0	0	0,0	1	33,3	8	80,0	17	81,0	16	100,0	12	75,0	0	0,0	0	0,0	47	90,4	62	89,9
	EMPREEND.	1	2,2	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
	TOTAL	46	100,0	33	100,0	0	0,0	7	100,0	0	0,0	0	0,0	3	100,0	10	100,0	21	100,0	16	100,0	16	100,0	16	100,0	16	100,0	16	100,0	69	100,0

Fonte: Elaborado pelas autoras.

4.2 Formação acadêmica: Engenharia Agrícola

As universidades pesquisadas segundo o Guia do Estudante (2012) foram: Universidade Federal de Pelotas/RS (UFPEL); Universidade Federal de Viçosa/MG (UFV); Universidade Federal de Campina Grande/PB (UFCG); Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) – *campus* Cascavel; Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Universidade Federal de Lavras/MG (UFLA); Universidade de Santa Cruz do Sul/RS (UNISC) e Universidade Estadual de Campinas/SP (UNICAMP). Para tal, as grades curriculares foram compiladas e estão descritas no Quadro 3.

Quadro 3 – Análise curricular do curso de Engenharia Agrícola – Brasil

ENGENHARIA AGRÍCOLA																	
As melhores do país																	
UNIVERSIDADES	UFPel	UFV	UFMG	UNIOESTE	UFPB	UFLA	UNISC	UNICAMP									
INICIO DO CURSO	1972	1927	1976	1979	1976	1975	1995	1985									
GRADE ATUAL	2008	2003	2009	2005	2009	2009	2008	2010									
DISCIPLINAS																	
			%		%		%		%		%		%		%		%
OBRIGATORIA	CÁLCULO	7	9,9	10	17,5	10	20,8	10	15,2	10	15,4	15	22,1	8	14,0	1	1,8
	GESTÃO	2	2,8	4	7,0	2	4,2	0	0,0	4	6,2	5	7,4	2	3,5	2	3,5
	EXTENSÃO	1	1,4	1	1,8	0	0,0	0	0,0	1	1,5	2	2,9	1	1,8	1	1,8
	TÉCNICA	61	85,9	42	73,7	35	72,9	56	84,8	49	75,4	46	67,6	46	80,7	47	82,5
	EMPREEND	0	0,0	0	0,0	1	2,1	0	0,0	1	1,5	0	0,0	0	0,0	0	0,0
	TOTAL	71	100,0	57	100	48	100	66	100	65	100	68	100	57	100,0	51	89,5
OPTATIVA	CÁLCULO	1	7,7	9	13,4	4	9,1	0	0,0	0	0,0	2	2,3	0	0	1	2,2
	GESTÃO	0	0,0	8	11,9	2	4,5	2	25,0	2	6,1	17	19,5	0	0	3	6,7
	LÍNGUAS	2	15,4	2	3,0	2	4,5	0	0,0	2	6,1	2	2,3	0	0	0	0,0
	TÉCNICA	10	76,9	48	71,6	36	81,8	6	75,0	29	87,9	64	73,6	0	0	41	91,1
	EMPREEND	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	2,3	0	0	0	0,0
	TOTAL	13	100,0	67	100	44	100,0	8	100,0	33	100	87	100	0	0	45	100,0

Fonte: Elaborado pelas autoras

Com relação às universidades pesquisadas nos três estados da Região Sul, no Estado do Paraná foi a seguinte: Universidade Estadual de Maringá (UEM).

No Estado do Rio Grande do Sul foram: Universidade Luterana do Brasil (ULBRA); Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA); Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) e Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI). As grades curriculares foram compiladas e estão descrita no Quadro 4.

Quadro 4 – Análise curricular do curso de Engenharia Agrícola – Região Sul

ENGENHARIA AGRÍCOLA											
REGIÃO SUL											
		PARANÁ			RIO GRANDE DO SUL						
UNIVERSIDADES		UEM	ULBRA	UNIPAMPA	IFRS	URI					
INICIO DO CURSO		1988	2005	2006	2010	2008					
GRADE ATUAL			2011	2010	2010	2008					
DISCIPLINAS											
			%		%		%		%		%
OBRIGATORIA	CÁLCULO	7	14,9	1	1,4	6	10,2	6	10,2	9	15,0
	GESTÃO	2	4,3	3	4,3	2	3,4	2	3,4	5	8,3
	EXTENSÃO	1	2,1	0	0,0	1	1,7	1	1,7	1	1,7
	TÉCNICA	37	78,7	66	94,3	50	84,7	50	84,7	45	75,0
	EMPREEND.	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
	TOTAL	47	100,0	70	100,0	59	100,0	59	100,0	60	100,0
OPTATIVA	CÁLCULO	2	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
	GESTÃO	1	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	6	40,0
	LÍNGUAS	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	6,7
	TÉCNICA	21	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	8	53,3
	EMPREEND.	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
	TOTAL	24	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	15	100,0

Fonte: Elaborado pelas autoras

4.3 Formação acadêmica: Engenharia Florestal

As universidades pesquisadas segundo o Guia do Estudante (2012) foram: Universidade Federal de Brasília (UNB); Universidade Federal de Viçosa/MG (UFV); Universidade Federal de Espírito Santo (UFES); Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri/MG (UFVJM); Universidade de São Paulo (USP) e Universidade Federal de Lavras/MG (UFLA). As grades curriculares foram compiladas e estão descritas no Quadro 5.

Quadro 5 – Análise curricular do curso de Engenharia Florestal – Brasil

ENGENHARIA FLORESTAL													
As melhores do país													
UNIVERSIDADES		UNB	UFV		UFES		UFVJM		USP		UFLA		
INÍCIO DO CURSO		1986	1964		1998		2001		1968		1980		
GRADE ATUAL		2009		2006		2008		2007		2008			
DISCIPLINAS													
		%		%		%		%		%		%	
OBRIGATORIA	CÁLCULO	3	5,1	4	6,9	6	10,5	10	15,2	2	1,7	7	11,5
	GESTÃO	3	5,1	3	5,2	3	5,3	0	0,0	26	22,0	5	8,2
	EXTENSÃO	1	1,7	2	3,4	2	3,5	0	0,0	1	0,8	1	1,6
	TÉCNICA	52	88,1	49	84,5	46	80,7	56	84,8	89	75,4	48	78,7
	EMPREEND	0	0,0	0	0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
	TOTAL	59	100,0	58	100	57	100	66	100	118	100	61	100
OPTATIVA	CÁLCULO	1	0,9	4	7,5	2	5,4	0	0,0	0	0	0	0,0
	GESTÃO	7	6,6	3	5,7	0	0,0	2	25,0	0	0	9	13,4
	LÍNGUAS	6	5,7	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0	1	1,5
	TÉCNICA	92	86,8	45	84,9	35	94,6	6	75,0	0	0	56	83,6
	EMPREEND	0	0,0	1	1,9	0	0,0	0	0,0	0	0	1	1,5
	TOTAL	106	100,0	53	100	37	100,0	8	100,0	0	0	67	100

Fonte: Elaborado pelas autoras

As universidades pesquisadas nos três estados da Região Sul foram os seguintes: no Estado do Paraná: Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UFTPR); Universidade Federal do Paraná (UFPR); Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO) e Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC/PR).

No Estado do Rio Grande do Sul foram: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA).

Em Santa Catarina: Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC); Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC); Universidade Regional de Blumenau (FURB) e Universidade do Contestado (UNC). Para tal, as grades curriculares foram compiladas e estão descritas no Quadro 6.

Quadro 6– Análise curricular do curso de Engenharia Florestal – Região Sul

ENGENHARIA FLORESTAL																							
REGIÃO SUL																							
		PARANÁ								RIO GRANDE DO SUL				SANTA CATARINA									
UNIVERSIDADES		UFTPR	UFPR	UNICENTRO	PUC	UFSM		UNIPAMPA		UNOESC	UDESC	FURB	UNC										
INÍCIO DO CURSO		2008	1960	1997	1998	2005		2001		2008	2004	2005	1995										
GRADE ATUAL		2008	2011	2009	2010	2012		2009		2008	2009	2012	2009										
DISCIPLINAS																							
		%		%		%		%		%		%		%		%							
OBRIGATORIA	CÁLCULO	5	7,8	5	11,9	5	8,8	7	9,9	5	7,7	5	7,8	4	6,3	4	6,5	6	9,7	5	8,1		
	GESTÃO	3	4,7	3	7,1	2	3,5	11	15,5	5	7,7	4	6,3	5	7,9	6	9,7	3	4,8	5	8,1		
	EXTENSÃO	2	3,1	1	2,4	1	1,8	1	1,4	1	1,5	1	1,6	1	1,6	1	1,6	1	1,6	0	0,0		
	TÉCNICA	54	84,4	33	78,6	49	86,0	51	71,8	54	83,1	54	84,4	53	84,1	51	82,3	51	82,3	52	83,9		
	EMPREEND	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	1,4	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	1,6	0	0,0
	TOTAL	64	100,0	42	100,0	57	100,0	71	100,0	65	100,0	64	100,0	63	100,0	62	100,0	62	100,0	62	100,0		
OPTATIVA	CÁLCULO	2	6,7	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	1,8	0	0,0	0	0,0		
	GESTÃO	2	6,7	0	0,0	3	30,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	3	5,5	3	7,0	0	0,0		
	LÍNGUAS	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	12,5	0	0,0	1	1,8	1	2,3	1	100,0		
	TÉCNICA	25	83,3	5	100,0	7	70,0	0	0,0	2	100,0	7	87,5	0	0,0	50	90,9	39	90,7	0	0,0		
	EMPREEND	1	3,3	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0		
	TOTAL	30	100,0	5	100,0	10	100,0	0	0,0	2	100,0	8	100,0	0	0,0	55	100,0	43	100,0	1	100,0		

Fonte: Elaborado pelas autoras

7 Análise dos resultados da pesquisa

Após análise da grade curricular dos cursos de engenharia que oferecidos pelo setor de ciências agrárias pode-se perceber que:

Curso de Agronomia

No curso oferecido pelas melhores universidades do país segundo o guia de estudante do estudante 2012 dentre as disciplinas obrigatórias compiladas segundo o enfoque dessas tem-se que das disciplinas oferecidas 3,92% em média são disciplinas de cálculo; 7,68% são de gestão; 1,63% são relacionadas com a extensão rural; 82,03% são da área técnica e 0,33% de empreendedorismo.

Na análise das disciplinas optativas compiladas segundo o enfoque dessas tem-se que das disciplinas oferecidas 0,93% em média são disciplinas de cálculo; 5,61% são de gestão; 3,74% são relacionadas com a área letras; 89,72% são da área técnica e 0 % de empreendedorismo.

No curso oferecido pelas universidades do sul país segundo o guia de estudante do estudante 2012 dentre as disciplinas obrigatórias compiladas segundo o enfoque dessas tem-se que das disciplinas oferecidas 6,53% em média são disciplinas de cálculo; 8,05% são de gestão; 9,27% são relacionadas com a extensão rural; 76,14% são da área técnica e 0 % de empreendedorismo.

Na análise das disciplinas optativas compiladas segundo o enfoque dessas tem-se que das disciplinas oferecidas 0,53% em média são disciplinas de cálculo; 6,95% são de gestão; 5,35% são relacionadas com a área letras; 87,17% são da área técnica e 0% de empreendedorismo.

Curso de Engenharia agrícola

No curso oferecido pelas melhores universidades do país segundo o guia de estudante do estudante 2012 dentre as disciplinas obrigatórias compiladas segundo o enfoque dessas tem-se que das disciplinas oferecidas 14,7% em média são disciplinas de cálculo; 4,35% são de gestão; 1,45% são relacionadas com a extensão rural; 79,09% são da área técnica e 0,41% de empreendedorismo.

Na análise das disciplinas optativas compiladas segundo o enfoque dessas tem-se que das disciplinas oferecidas 5,72% em média são disciplinas de cálculo; 11,45% são de gestão; 3,37% são relacionadas com a área letras; 78,79% são da área técnica e 0,67 % de empreendedorismo.

No curso oferecido pelas universidades do sul país segundo o guia de estudante do estudante 2012 dentre as disciplinas obrigatórias compiladas segundo o enfoque dessas tem-se que das disciplinas oferecidas 9,83% em média são disciplinas de cálculo; 4,75% são de gestão; 1,36 % são relacionadas com a extensão rural; 84,07% são da área técnica e 0 % de empreendedorismo.

Na análise das disciplinas optativas compiladas segundo o enfoque dessas tem-se que das disciplinas oferecidas 5,13% em média são disciplinas de cálculo 17,95% são de gestão; 2,56% são relacionadas com a área letras; 74,36% são da área técnica e 0% de empreendedorismo.

Curso de Engenharia Florestal

No curso oferecido pelas melhores universidades do país segundo o guia de estudante do estudante 2012 dentre as disciplinas obrigatórias compiladas segundo o enfoque dessas tem-se que das disciplinas oferecidas 8,06% em média são disciplinas de cálculo; 10,28% são de gestão; 1,67% são relacionadas com a extensão rural; 80% são da área técnica e 0% de empreendedorismo.

Na análise das disciplinas optativas compiladas segundo o enfoque dessas tem-se que das disciplinas oferecidas 3,64% em média são disciplinas de cálculo; 8,48% são de gestão; 0,61% são relacionadas com a área letras; 86,06% são da área técnica e 1,21% de empreendedorismo.

No curso oferecido pelas universidades do sul país segundo o guia de estudante do estudante 2012 dentre as disciplinas obrigatórias compiladas segundo o enfoque dessas tem-se que das disciplinas oferecidas 3,92% em média são disciplinas de cálculo; 7,68% são de gestão; 1,63% são relacionadas com a extensão rural; 82,03% são da área técnica e 0,33 % de empreendedorismo.

Na análise das disciplinas optativas compiladas segundo o enfoque dessas tem-se que das disciplinas oferecidas 0,93% em média são disciplinas de cálculo 5,61% são de gestão; 3,74% são relacionadas com a área letras; 89,72% são da área técnica e 0% de empreendedorismo.

8 Considerações finais

Pelos resultados obtidos pode-se concluir em linhas gerais que as instituições de Ensino Superior apesar de apresentar em seus Projetos Pedagógico do Curso (PPC) – instrumento de concepção de ensino e aprendizagem de um curso em que apresenta sua base estrutural – a determinação que os egressos destes cursos ao final da graduação tenham um perfil empreendedor e criativo, são em poucas Universidades e Faculdades disponibilizadas disciplinas obrigatórias e/ou eletivas que contemplem esses conteúdos, tão importantes para a atual realidade do mercado profissional.

Portanto faz-se necessário que haja uma reestruturação das grades curriculares para que estas se tornem interdisciplinares favorecendo a visão generalista, sem perder a característica técnica dos cursos, ampliando as oportunidades de mercado para os egressos.

Referências

ACÚRCIO, M. (coord.) (2005). **O Empreendedorismo na Escola**. Belo Horizonte: Artmed/Rede Pitágoras. DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo: transformando idéias em negócios**, - 3ª ed. – Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2008.

ALENCAR, Eunice M.L. Soriano de. **A gerência da criatividade**. São Paulo: Makron, Book, 1996.

_____, **Como desenvolver o potencial criador**. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

BUENO, J. L. P.; LAPOLLI, É. M. **Vivência empreendedoras**: empreendedorismo tecnológico na educação. Florianópolis: UFSC, 2001.

CARAMÉS, V. R. **O ensino do empreendedorismo nas universidades**: um estudo de caso. 1995. 55 f. Monografia (Iniciação Científica) – Faculdade de Economia e Administração de Empresas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 1995.

Cerna, M. Á. C. (1999). **Aspectos importantes de la creatividad para trabajar en el aula**. *Educar Revista de Educación*, 10, 10-18.

COSTA, A. M.; CERICATO, D.; MELO, P. A. de. **Empreendedorismo corporativo**: uma nova estratégia para a inovação em organizações contemporânea. *Revista de Negócios*, Blumenau, v.12, n. 4, p. 32-43, out./dez. 2007.

DAVID, D. E. H.; ROVEDA, M. V.; REDIVO, R. B.; GAUTHIER, F. A. O; COLOSSI, N.; FRANZONI, A. M. **Aspectos Pedagógicos no Ensino do Empreendedorismo**. Anais. III Encontro Nacional de Empreendedorismo, Florianópolis, 2001.

De MASI, Domenico, **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo**: transformando idéias em negócios. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

ENGENHARIA AGRÍCOLA. **Perfil profissional**. Disponível em: <<http://www.engenheiroagricola.com.br/index.asp?id=1>>. Acesso em: 5 maio 2010.

ENGENHARIA FLORESTAL. **Perfil profissional**. Disponível em: <<http://www.ufvjm.edu.br/floresta/graduacao/o-engenheiro-florestal-da-ufvjm.html>>. Acesso em: 12 setembro 2012.

FERREIRA, Jane Mendes; RAMOS, Simone Cristina; GIMENEZ, Fernando Antonio. **Estudo Comparativo das Práticas Didático-Pedagógicas do Ensino de Empreendedorismo em Universidades Brasileiras e Norte-Americanas**. *Revista Alcance*, UNIVALI, v.13, n.2, p.207- 225, mai./ago. 2006.

FACHIN, O. **Fundamentos de Metodologia**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

FEUERSCHÜTTE, S. G.; ALPERSTEDT, G. D. Empreendedorismo e competência: um ensaio sobre a complementaridade e a convergência dos construtos. **Anais XXXII EnANPAD**, Rio de Janeiro, 2008, CD-ROM.

FIALHO, Francisco Antonio Pereira et al. **Empreendedorismo na Era do Conhecimento**. São Paulo: Visual Books, 2007.

FILION, L. J. A Educação Empreendedora – o que deveríamos enfatizar: o meio ou a mensagem? **Caderno de Pesquisa do Grupo de Pesquisa em Economia e Gestão das Pequenas e Médias Empresas**. Trad. Nely R. V. Mendes. Québec: Departamento de Administração e de Economia da Universidade de Quebec – Canadá., 1991a.

_____. **Visões e relações: elementos para um metamodelo empreendedor**. *Revista de Administração de Empresas*, RAE, São Paulo, v. 31, n. 3, jul./set. p. 50-61, 1991b.

GARDNER, H. **Creative lives and creativeworks**: A synthetic scientific approach. In: STERNBERG, R. (ed) **The nature of creativity**. Cambridge: University Press, 1988. p.298-324.

GIBB, A.A. Entrepreneurship and small business management: can we afford to neglect them in the twenty-first century business school? **British Journal of Management**, v. 7, n. 4, p. 309-321, 1995.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Perfil profissional e mercado de trabalho**: relação com a formação acadêmica pela perspectiva de estudantes universitários. *Estudos de Psicologia* 2002, 7(2), 299-309. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/epsic/v7n2/a11v07n2.pdf>>. Acesso em: 11 maio 2013.

HISRICH, Robert D.; PETERS, Michael P.; SHEPHERD, Dean A. **Empreendedorismo**. 7. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

LEITE, Emanuel Ferreira. **O fenômeno do empreendedorismo criando riquezas**. 3. ed. Recife: Bagaço, 2002.

LIMA, E. de O. **A formação em empreendedorismo face à realidade do pequeno empresário brasileiro**: a partir da vanguarda que devemos enfatizar?. Treinamento para atualização da equipe do EMPRETEC. SEBRAE nacional, Brasília, set./out, 2001.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de marketing**: uma orientação aplicada. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.

MALHOTRA, N. K. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

POPE, R. **Creativity**: theory, history, practice. London: Routledge, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 7 jun. 2011.

OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 1989.

RIBEIRO, A. M. M.e D. A. **Empreendedorismo e formação para inovar na agricultura**. 2009. 101f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Educação) – Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, 2009.

SILVA, E. L., MENEZES, E. M. (2000) **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

SILVA FILHO, Antônio Mendes da. **Diferenças entre criatividade e lógica**. *Revista Espaço Acadêmico*. n. 54. nov/2005. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/054/54silvafilho.htm>>. Acesso em: 11 maio de 2013.

SOUZA, Vitória Augusta Braga de; LAPOLLI, Édis Mafra. O perfil criativo e o perfil empreendedor In: **Criatividade e conhecimento**. 1 ed. Florianópolis: Editora Pandion, 2010. v.1. p. 211-225.

TERRA, J. C. C. **Gestão do Conhecimento e Produtividade**. Disponível em: <<http://www.terraforum.com.br/biblioteca/Documents/>>. Acesso em: 29 maio 2009.

ULBRICHT, V. R.; VANZIN, T. Criatividade, Mitologia e Hemisférios Cerebrais. In: ULBRICHT, V. R.; VANZIN, T.; ZANDOMENEGHI, A. L. A. de O. **Criatividade & conhecimento**. Florianópolis: Pandion, 2010.

UNESP. **Perfil profissional**. Disponível em: <<http://www.fca.unesp.br/graduacao/agronomia/informacoes.php>>. Acesso em: 19 jul. 2010.

VERGARA, S. C. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. São Paulo: Atlas, 2005.

WILLERDING, Inara Antunes Vieira. **Empreendedorismo em organização pública intensiva em conhecimento**: um estudo de caso. 2011. 103 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia e Gestão do Conhecimento) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, UFSC, Florianópolis.